

ENTREVISTA COM RUTH APRÍGIO

Vou ficar sempre sorrindo, porque eu gosto de sorrir para a vida.

Esqueceu que eu sou gente de teatro?

Ruth Aprígio

Eu sou Ruth Aprígio, nome artístico Amoa. Nasci no Rio de Janeiro, cidade maravilhosa. Vim para São Paulo, mas adoro o Rio. Eu fui, sou bailarina profissional. Estreei no Municipal não sendo bailarina de ponta. Fui bailarina folclórica, viajei bastante, falo quatro idiomas. Tive várias passagens na minha caminhada. Comecei no Municipal, com Vinícius de Moraes e Tom Jobim com o espetáculo *Orfeu da Conceição*. Fui dançarina dos eventos da TV Record. Caí no teatro, sempre no meio dos artistas. Fui camareira e companheira de Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro, Raul Cortez e tantos outros. Cresci em contato com a dança e, até hoje, aos 94 anos de idade, danço pelo prazer de explorar os movimentos que me inspiram a seguir minha trajetória de vida.

Olhares – Você é uma mulher de teatro. Queria que você nos contasse sua história com a dança e seu envolvimento com o teatro, para além da dança.

Ruth – Tudo o que aconteceu comigo foi por acaso. Desde pequenininha vivia no meio da dança, porque minha mãe trabalhava na casa de uma família que tinha duas meninas, uma esportista e a outra bailarina. Nós tínhamos sete anos. Quando a menina bailarina chegava em casa, ela me ensinava os passos de dança. Era dia de brincar e nossa brincadeira era balé, eu imitava os movimentos. Foi assim que me apaixonei pela dança. Até que minha mãe deixou de trabalhar naquela casa. Eu já

era adolescente quando fui para a porta da Rádio Nacional. Ouvi no rádio a chamada do César de Alencar (animador de auditório que fez muito sucesso na Rádio Nacional) para a montagem de um corpo de dançarinas para seu programa. Cheguei, fui ao auditório e comecei a dançar, dançar... Dança do Palito, Dança da Cebola, dança de não sei o quê. Ganhava tudo! Porque eu já tinha aquela agilidade. Aí, conheci duas meninas, nós tínhamos 16 anos, íamos juntas para a Rádio Nacional. As duas namoravam os produtores e eu ia com elas, eu era da patota e sempre ganhava prêmios. Nós ganhávamos, nós três. Não saía também da Biblioteca Nacional, porque, na época, não havia internet; eu ia para lá estudar.

Olhares – Você teve uma relação muito próxima com Emilinha Borba, uma das cantoras mais populares do início do século XX. Como foi?

Ruth – A Emilinha Borba, que seria o Roberto Carlos de hoje. Foi uma loucura aquela cantora. Ela sempre me via lá na Rádio Nacional, solta, porque as outras duas estavam sempre com os namoradinhos e eu lá, só. Ela me chamou: “Ruthinha... Já temos a primeira música e estou com problema para fechar o disco”. Emilinha então cantou pra mim o bolero *Dez anos!* Eu falei: “Ué, por que você não grava isso?” Ela respondeu: “Ah, não. É versão. Vão cair matando”. Eu disse: “Não importa! O que importa é a primeira!” E foi aquele estouro, que é o carro-chefe dela até hoje, né? Ela não me largou mais. Queria que eu fosse sua secretária. Ela recebia toneladas de cartas e eu imitava sua letra...



Ruth Aprígio, Amoa, bailarina profissional. Foto Andrea Machado.

Olhares – Como foi sua convivência com Emilinha?

Ruth – Minha primeira viagem de avião foi com Emilinha Borba, viajamos para Minas. Ela chegava ao aeroporto, aquele monte de garotas, uma loucura. Parecia jogo de futebol. Depois de um tempo, eu me dei conta de que não vivia mais, porque você perde a sua personalidade, você vive a vida do outro, não é? Eu não ia mais ao cinema, não namorava, não fazia minhas coisas. Tinha que ir cedo para assinar o ponto, imitar a letra dela e via a programação, se estava escalada. Viajamos certa

vez para Porto Alegre. Quando a gente chegava, fechava a cidade. Um dia, as fãs sentadas no chão gritavam “Emilinha! Emilinha!” então uma delas falou: “Emilinha, ela tem neném. Ela deixou o neném dela, ele tem três meses!” Emilinha falou: “Oh, minha filha, cadê o neném?” “Ah, está lá, não sei onde.” “Ah, traz ele para eu ver.” Ela trouxe aquela criança e botou no colo da Emilinha.

Olhares – O que aconteceu depois?

Ruth – A Emilinha, sem querer, sem pensar, falou: “Você está dando para mim? Tão bonitinho. A menina falou: “Pode levar!” e Emilinha quase morreu de susto. Ela disse: “Ai, Ruthinha, o que é que a gente vai fazer? A gente deslewa?”. Tinha o marido dela, o Artur. “Ai, o que o Arturzinho vai fazer?” Eu falei: “Emilinha, vamos enfrentar, né? Como é que você vai falar agora no meio das fãs que não quer?! Já pensou? Sua carreira vai lá pra baixo!” Ela então disse: “Sim, vamos levar.” Aí o trouxemos. Na casa da Emilinha, entramos pelas portas do fundo, pela cozinha. A Nadir, a empregada, falou: “Quem é essa criança?!” Artur estava na sala, lendo o jornal. Ele era rico. O pai dele tinha sido ministro. Chegamos com o neném, tinha três meses. Olha que coisa de Deus! O menino chegou perto dele, puxando o jornal. A Emilinha falou: “Ah, eu trouxe ele para nós” Não teve resposta. Mas o neném já tinha ganhado um lar! Eu continuei na Rádio Nacional, viajando para ali, para cá. E as fãs me vaiando, aquela coisa de ciúme. E começaram a implicar comigo. Faziam fofoça para Emilinha. Então Emilinha disse: “A fulana disse que você falou algo assim...” eu respondi: “Ah falou, é?” Ela retrucou: “Falou, Ruthinha. Não vai dar.” Eu disse: “Ah, não vai dar mesmo. Então, estou indo embora”. Esse foi meu gancho, né? Fui embora. Fui viver a vida.

Olhares – E o seu trabalho de corpo?

Ruth – Saí da Emilinha e fui para o balé, foi aí que começou o balé. Tudo na porta da Rádio. “Estão chamando para fazer um espetáculo no Teatro Municipal, com Vinícius de Moraes.” Então eu me dei conta... eu era de cinema, eu amava ir ao cinema. Na época em que eu ia era com minha mãe

pois ela não tinha com quem me deixar; cinema era só no domingo ou feriado, porque ela era cozinheira de pensão grande. Ela me pegava na casa de quem tomava conta de mim e me levava ao cinema. Eu amava e fui crescendo correndo e vendo os desenhos da época no cinema. E vi aquelas bailarinas, aqueles musicais que eram só ópera, aquelas danças maravilhosas, ficava alucinada e me lembrava dos *battement*, das piruetas. Então falei pra mim mesma: “Eu preciso fazer balé”. Não sei quem falou na porta da Rádio: “Tem uma professora que é folclórica”; ela foi a primeira bailarina negra do Municipal do Rio de Janeiro. Mercedes Batista, famosíssima. Ela tinha o balé dela; era clássica, mas sabia que nunca iria dançar o *Quebra Nozes*. Ela deu forma à modernização da dança, de resgate da dança do povo e montou um balé de danças folclóricas, em que misturava o clássico com a energia dos orixás.

Olhares – Foi seu início, como foi?

Ruth – Fui fazer teste na Praça Tiradentes. Ela tinha uma sala que era um lugar de baile, uma gafieira. Fui fazer o teste e passei na hora. Mas eu era muito magrinha. Sempre fui magrinha. Acho que pesava uns 42 kg. O que ela pediu no teste eu fiz, tirei de letra. Pirueta pra cá, dois pra lá, ninguém sabia fazer contagem musical. Ela me levou como figuração ao Teatro João Caetano. Para ficar sentada e fazer aqueles movimentos. Tudo que ela mandava fazer, eu fazia. Ia com aquelas roupas de baiana. Dali fomos para o Municipal e eu fiz um solozinho. Como eu pegava a coreografia, ela me deu a oportunidade de criar uma coreografia. Eu fiz. Não sei se era Iemanjá. Fiquei com ela aprendendo os Orixás. Apareceu uma viagem para Argentina e ela não me levou. Eu era muito sequinha. Havia outras dançarinas folclóricas mais atraentes, que sambavam. Não faziam as coreografias direito, mas sambavam, aí ela me cortou. Fiquei sentida. Ela me cortou porque eu era magrinha. não tinha nada. Eu disse: “Ah, é?” Vou tentar outras áreas. Fui para outras áreas, fui fazer fundo, cortina...

Olhares – Com a saída do corpo de baile da Mercedes Batista, como segue sua história?

Bom, antes disso eu vinha muito para São Paulo com o balé, porque tinha a premiação Roquette Pinto, superfamosa na TV Record¹, ali na rua da Consolação, depois do cemitério. Os organizadores patrocinavam as danças folclóricas. Eu fazia Omolu, porque tinha todo o molejo por causa do balé. Vinha para São Paulo quando havia esse tipo de festas e me contratavam. Na época, muitos cantores cantavam com coral *singers*. Aí, o Monsueto Menezes, um cantor preto, bonitão, jovem, fez sucesso com a música *Eu não sou a água para me tratares assim só na hora da sede é que procuras por mim? A fonte secou*. Ele falava para mim: “Ajeita ela”. E eu enfeitava uma dançarina muito diferente de mim, do meu físico. Eu não tinha aquela estética, mas eu estava lá. O Monsueto fazia muita festa no Copacabana Palace. Lá, conheci o Ivo Pitanguí. Ele mandou me chamar, falou: “Ah, você é uma preta linda, maravilhosa, vou pegar você e fazer esse narizinho assim, você não quer?” Eu disse: “Não, você vai afinar meu nariz?” Eu era abusada, sabe? “Afinar meu nariz, por quê? Eu sou pretinha, esse é meu charme!” Bom, aí continuei.

Olhares – E depois, como segue sua história de existência e resistência como mulher da dança e do teatro?

Depois, na Record, fiz fundo para um monte de gente, mas sempre de olho no balé. Então pude trabalhar com Ruth Rachou, que coordenava os eventos da emissora. Lá fiquei bastante tempo. Na Record, um dia, estava começando o festival de música em que surgiu o Jair Rodrigues. Aí eu... nós, nós do conjunto, eu e mais duas fomos entrando que já ia começar o festival. Tinha que fazer passada para ver o que é que ia fazer e o que não ia fazer. Junto a nós tinha uma menina com cabelo desse tamanho (faz gesto). Chegou na porta, o porteiro disse “não vai entrar”; “Como?! Eu sou convidada! Meu nome é...” como era o nome da Gal antes?

Olhares – Maria da Graça!

Ruth – Maria da Graça! “Cabelo ‘desse’ tamanho”! Aquelas roupas todas e o Caetano já tinha entrado. Nós passamos e ele não a deixando entrar. Aí

alguém se aproximou e falou com Caetano que disse: “Se ela não entrar, eu saio”. O porteiro abusado sabia quem era quem, né? Aí o Caetano saiu, mas o Caetano ia participar. Estou contando esse detalhe que, anos depois, contei para Gal, que se lembrou... Ah, o Jair Rodrigues ganhou em *Disparada*.

Olhares – Vamos para o Vinícius de Moraes?

Ruth – Estreamos no Municipal a maior peça dele: *Orfeu da Conceição*. Fiz o teste, passei e Lina de Luca era a coreógrafa, vinda da Argentina. Fui a única que passou no teste. Tiveram que contratar bailarinas do Municipal. Trouxeram dos Estados Unidos maquiagens que eram da minha cor. Negras, só tinha eu e a Dalva, uma bailarina linda e atraente, sabe? Semianalfabeta, mal sabia assinar o próprio nome, e todos os homens se apaixonavam por ela. Agora mora nos Estados Unidos. Bom, aí a Lina de Luca disse: “Eu não posso fazer nada com elas”, inclusive cortou a Dalva. Aí o Tom falou: “Não, não quero que corte aquela dançarina. Falaram: “Ah, mas ela não faz nada!”. Ele: “Deixe-a em cena!”. Quem fez o cenário do espetáculo *Orfeu da Conceição*,² no Municipal, foi quem idealizou Brasília, o Niemeyer. Não sei porque não foi sucesso. Não sei a razão de não entenderem. A cabeça do brasileiro ainda estava por fora, não foi sucesso, não. Bom, então saí dali, porque bailarino fica andando, né? Depois de muitos anos, estávamos em Buenos Aires. Fomos fazer um espetáculo. De repente, vimos um bêbado na calçada. Vinícius de Moraes. Aí a Dalva: “Vinícius! Vem cá, vem!” Mas Vinícius já estava cambaleando... Nem me lembro mais com que espetáculo a gente estava. E Dalva: “Você está me devendo! Você ficou devendo pra gente!” Aí ele: “Ah, quanto?” Não me lembro quanto era, eu disse: “Pra mim também!”, ele então puxou uns dinheiros todos amassados e tirou cem dólares.

Mais tarde, fui trabalhar com o Raul Cortez e com Célia Helena... como é o nome da peça?

Olhares – *Luar em preto e branco*.

Ruth – Esse espetáculo foi depois de *Greta Garbo*. Mandaram me chamar. Sérgio Mamberti era o diretor, texto do Lauro César Muniz; a tem-



Ruth maquiando-se para a entrevista. Foto Andrea Machado.

porada foi bem tranquila entre atores e atrizes: Mayara Magri, Mariana de Moraes, Cury, Célia Helena, Raul Cortez e mais alguém famoso. Rodrigo Santiago. E a Moraes estava no elenco.

Olhares – A Mariana de Moraes.

Ruth – Eu cobre dela: “Seu avô ficou me devendo”, “Ah, eu te pago!” “Como que você vai pagar? Passa pro dinheiro de hoje!” Ela morreu de rir, quando eu contei a cena, né? É muito engraçado mesmo, mas eu fiquei sem a grana... Bom, voltando à Argentina, era época de Carnaval, aquele conjunto com oito dançarinas negras, tudo no ritmo, percussão completa. A gente animava os bailes, os argentinos adoravam. Um sucesso abrasador. Então, viemos embora. Agora quero chegar quando eu fiz o meu balé. Apareceu um teste para minha amiguinha que não sabia nem andar, né? Mas era aquela figura que impressionava e cativava todos e ela me disse: “Amoa, você não quer fazer o teste? Eu falei que você era da Mercedes Baptista, bailarina e coreógrafa, considerada a maior precursora do Balé e da Dança Afro no Brasil e estão de olho em você”. Aí fiz o teste, passei. Fomos para a Europa. O balé já estava lá, era uma companhia de quarenta e tantas figuras.

Olhares – Como é que se chamava, Ruth?

Ruth – *Brasiliana*. Foi um sucesso estrondo-

so. Aí eles falaram: “Ela é da Mercedes Baptista, então contrata”. Cheguei lá e era o Ismael Guiser, da Record, o coreógrafo. Ele falou assim pra mim: “Você fica da coxia e vê a contagem”. Não tinha como ensaiar porque acabava o espetáculo, já viajava pra outro lugar. Então eu ficava na coxia. Fazia contagem, entrava em cena. Quando uma dançarina ficava doente, eu entrava como solista para fazer a ligação. E dali foi, mas era um horror, as pessoas ficavam estressadas, estavam lá há mais de dois anos. Hoje eu não faria. Você entra no ônibus, chega em outra cidade ou outro estado ou outro país, vai para o hotel, deixa as malas ou vai direto para o teatro, porque todo teatro é teatro. Você modifica a encenação, porque o teatro é maior ou é menor. Então, tem que fazer uma adaptação. Aí faz o espetáculo, vai jantar... Nós éramos quarenta figuras. Era a orquestra, um time dos percussionistas. O espetáculo era a história do Brasil em canto e dança. Começava com Portugal chegando aqui e ia se desenrolando. Era muito lindo! Um sucesso, mas as pessoas todas estressadas. Porque é aquela coisa, vai pro teatro, vem pro teatro... Os meninos chegavam no hotel, saíam, os que tinham as namoradinhas, iam pra cidade, depois tinham que vir pegar o ônibus. Se não pegassem, iriam embora pro Brasil. Mulher não fazia isso, ficava sem namorar, só namorava com os olhos. Algumas vezes, quando era perto, iam até a cidade. Você vai ficando estressada, brigas e mais brigas. Fiquei lá quase um ano. Aí, vim-me embora.

Olhares – Isso foi em que ano, Ruthinha?

Ruth – 1972. Eu e Valéria, outra dançarina, viemos embora. Então cheguei, o Matias tinha uma casa folclórica na Marquês de Itu que era só de negro. Alguém falou para ele: “Chegou uma bailarina.” Eles me chamaram. Bailarina não ganha dinheiro. Eu tinha a minha mãe para quem eu mandava dinheiro, porque a minha mãe era sagrada, né? Me chamaram para participar de shows folclóricos em uma boate. Fui falar com o Matias. Eles me contrataram e eu: “Bom, vou modificar isso tudo”. Meu encontro foi com uma negra alta, preta, e mais uma também alta, grande. Eu falei: “Meu Deus, o que eu vou fazer?” Aí eu fiz um figurino, botava perna de

fora de uma roupa e botava para andar, porque não sabiam nem andar. Era um sucesso. Na boate só ia gringo. Nessas boates era só entrar, fazer o show, depois sentar com os caras para tomar uísque... aí não vou entrar em detalhes, né? E tinha duas travestis, grandes, que haviam estado na Europa, mas não dançavam. No show, eu aproveitava para me esgueirar na perna de uma, esconder-me na barriga da outra. Fiz aquelas coisas que eu tinha na cabeça. Quando você passa por um monte de coreógrafos, você aprende a agir em cena, inventa. Inventa não, cria! Aí me chamavam para fazer fundo com o Jair Rodrigues na Record, cantar e fazer a coreografia. Eu ganhava, mas cachê mesmo, você sabe como é...

Olhares – Você sempre conviveu com personalidades, artistas fortíssimos.

Ruth – Só com os grandes. Eu sempre as estudei. Eu tinha vindo da Europa com *Pendura a saia*, com Sandro Polloni e Maria Della Costa. Um sucesso. Nós fomos para a Argentina, Paraguai. Foi uma loucura total, mas a Maria Della Costa teve um problema. Na cena, o marido da Laura Cardoso, Fernando Baleroni, sem querer, deu um empurrão nela e ela machucou a coluna. Ela ficou dura em cena, não pôde sair. Sabe como é que é artista, né? Ela deu o texto morrendo de dor. Foi até o fim. Encerrou a peça. Maravilhosa ela, mas depois dali, não a vi mais.

Olhares – E você estudava as pessoas com quem ia trabalhar?

Ruth – Sempre estudo. O Raul, por exemplo, era uma pessoa sem nenhum preconceito.

Olhares – Como você foi para o teatro?

Ruth – No Teatro Cultura Artística, fui ver o diretor Flávio Rangel, diretor do *Pendura saia*. Era Piaf, a montagem, vindo do Rio. Ele estava passando o texto com Bibi Ferreira, e a Léa Garcia, que trabalhou comigo e com Vinícius de Moraes, estava lá. Mais atrás estava Ieda, camareira famosa. Ela estava passando com aqueles sapatos, figurinos, adereços. Mercedes, produtora e camareira da Bibi, aquela confusão. Comecei a ajudar Ieda a colocar as coisas na coxia. Fiquei. Comecei a passar as camisas,

tinha os nomes, já sabia arrumar tudo, sapatos etc. Estreamos. Foi um sucesso. Viajamos, foi sucesso.

Olhares – Bibi Ferreira não precisava de ninguém?

Ruth – Não, ela botava uma roupa, não tirava mais. Era só para dar água e dar o vestido.

Olhares – Ela teve uma escola toda do pai dela, né?

Ruth – Sim, bem clássica. Não conversava com ninguém. Com o Cristiano (Raul Cortez) era diferente, ele conversava com todos.

Olhares – Como foi para você a experiência com Raul, em *As boas*?³, de Jean Genet e direção de José Celso?

Ruth – Personagem é personagem, você é você. Raul fazia a Madame. Tinha uma roupa meio Maria Antonieta. Recebeu, de patrocínio, uma caixa com umas cem meias. Raul pegou a meia e quando a colocou, rasgou. Eu pedi licença, sanfonei a meia, coloquei na perna e disse agora puxa. O sapato alto, salto fino. Raul levantou e cambaleou. Eu disse que com salto alto a gente anda na planta do pé. Demonstrei como andava e ele na mesma hora já andou. O cenário tinha uma escadinha, com o personagem Madame, e aquela roupona. Eu disse “Raul, imagina que você é a Vivien Leigh em *O vento levou*”. Desce a escada. Raul era um fenômeno. Escada de uns seis degraus. A plateia ovacionou. Foi um escândalo. Quando Raul voltou, tinha que colocar um turista

tubinho de lamê justo, ele vem, abre o vestido, e como ele entrou no vestido? Falei pra fazer cobrinha, ir rebolando e foi subindo. Essas coisas foram dando segurança e presença para Raul ser a Madame, da peça *As boas*.

Olhares – Ele fez isso para o José Celso voltar, foi muito importante.

Ruth – Ele fez a peça para apoiar o retorno do José Celso, foi muito importante. Era época de Natal e o Raul disse que queria que eu fosse com ele, mas fui pro Rio ver minha mãe.

Olhares – Como foi sua trajetória ao lado de Raul Cortez?

Ruth – Com o Raul, pude acompanhar como camareira e companheira de várias montagens: *Luar em branco e preto*, *As boas*, *Greta Garbo*.

Olhares – Como foi a remontagem de *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá*, com Eduardo Moscovis?

Ruth – Com dedicatória, era uma relíquia. Raul era perfeccionista. Era a primeira peça do Eduardo Moscovis no Cultura Artística. Só tinha feito uma novela, levava a cachorra para o teatro, tinha problema de dor nas costas, eu fazia massagem nele. Eu subia nas costas dele e ficava massageando. Fizemos uma temporada curta e começaram as viagens. A garotada queria só ver o homem bonito. Começamos a apresentar a peça no interior. Gritavam quando o menino entrava. Raul implicava. Um dia, eu trocava o Raul e o menino também do lado, o Raul falou algo e ele disse que não daria mais para fazer. Olha minha audácia. Eu disse: “Você tem que respeitar o público. Termina a temporada e depois você sai”. Raul ficou tremendo. Coisas engraçadas do teatro. Mudou o clima e foi normal. Depois, em Portugal, se abraçaram.

Olhares – Com foi seu acompanhamento com a montagem de *Um certo olhar*, inspirado em Garcia Lorca?

Ruth – Na época, Raul estava passando o texto do *O rei do gado*. Então, *Um certo olhar* poderia ser um novo marco do Raul como ator.

Olhares – Você participava dos ensaios da preparação?

Ruth – Sim. Walderez de Barros também estava na novela e eles faziam par romântico. Um sucesso! Raul foi um espetáculo na novela. Um dia, ele sentado na casa dele, antes de iniciar todo o trabalho, ligou ansioso para a direção da Globo, perguntando o que queriam dele na novela, como ele poderia colaborar. Também os autores, por vezes, no início de um trabalho, estão criando e não sabem dizer direito o que querem com o artista e com o papel. Aí o Benedito (*Ruy Barbosa*) começou a conversar com ele, e contar as coisas que estava pensando. Bem, Raul quase chorou quando viu

o personagem. O Benedito foi muito inteligente, porque é necessário que o autor saiba a capacidade do ator, até onde ele pode ir, para dar tudo aquilo que ele precisa em uma novela. Tem que conhecer os talentos de cada ator, e Raul tinha de sobra! O Raul, na casa dele, estudava muito, falava em italiano, compunha um personagem, sentava aqui e ali, e era cada vez mais impressionante.

Olhares – Você ficava com ele, ele chamava você para ir lá ensaiar.

Ruth – Falava “pega o táxi”. Me davam os textos e eu ficava lá, sentada. Ele fazia questão que eu o acompanhasse.

Olhares – Depois você fez espetáculos muito importantes: *Cheque ou mate* e *Rei Lear*.⁴

Ruth – *Rei Lear* foi um achado. Eu tinha que fazer muito controle ali. Era emocionante. O diretor (Ron Daniels), amigo e companheiro de cena do Raul no Teatro Oficina. Foi abraçar o Raul e chorou muito de emoção, no teatro de Copacabana, emoção de ver a apresentação do ator.

Olhares – No *Rei Lear* você ficou junto com todo o elenco e sua presença foi muito importante no acompanhamento das mudanças de cena, em relação a figurinos, adereços. Foi um processo muito rápido e uma quantidade de texto absurda. Quando você assistia da coxia, você sentia... você era um termômetro importante para os espetáculos. Produções imensas. Você era uma pessoa que deixava a harmonia total acontecer. Você tinha um lugar de estabelecer as coisas mais ou menos orquestradas para que tudo acontecesse.

Ruth – Sim, quando o Raul entrava no teatro, o personagem já estava entrando, concentrando. Com o pisar dele eu já sabia como ele estava. Às vezes, eu perguntava e ele falava: “Hoje está tudo numa boa”, às vezes, era problema de casa. Eu nem entrava no assunto. Artista tem que ser artista.

Olhares – E as manias? Da Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro?

Ruth – Bibi dormia com o personagem. Não falava com ninguém, ninguém chegava perto dela. Estava sempre se concentrando e se preparando para entrar em cena. Fernanda, uma pérola.

Olhares – Em que peça você trabalhou com Fernanda Montenegro?

Ruth – Em *Gilda*, com direção de José Possi Neto. Também trabalhei com Fernanda Torres em *The Flash and Crash Days*, com direção de Gerald Thomas. Um espetáculo feito para Fernandinha. Foi um espetáculo tranquilo. Fernanda tirava de letra as ideias malucas do diretor. Ela é muito inteligente. Tenho percepção das pessoas. Uma grande atriz.

Olhares – Qual foi o último espetáculo que você fez?

Ruth – Foi *À meia-noite um solo de sax na minha cabeça & fica frio*. Depois do *Rei Lear*, Raul queria fazer uma peça de um escritor jovem e queria também se arriscar em uma coisa diferente. Chamou alguns atores que tinham trabalhado com ele. Era uma peça muito diferente, mas importante por ter sido seu último trabalho no teatro. Depois, veio a novela *Senhora do destino*, e eu acompanhei um pouco sua preparação, mas logo ele ficou doente. Uma pena. Vivemos muitas coisas juntos. Vou lembrar sempre dele, ele está lá em cima, conversando sempre comigo.

Olhares – Ruthinha, queremos agradecer sua generosidade. Para nós é uma honra ter você aqui, uma honra ouvir suas histórias, memórias de uma dançarina. Memórias que celebram uma vocação de existência, de sonhos que continuam transbordando por seus gestos e corporeidade.

Notas

- 1 Criado em 1950, inicialmente destinado aos destaques dos rádios de São Paulo, é a mais antiga premiação da televisão brasileira, passando a ser entregue a partir de 1952. A premiação teve ao todo 26 edições. Todos os premiados eram ligados à TV Tupi, até então a única emissora de São Paulo.
- 2 O musical *Orfeu da Conceição* (1954), de Vinícius de Moraes, é a primeira peça teatral brasileira a tematizar a favela, inspirando-se no mito grego que dá título à obra.
- 3 Peça *As boas*, escrita por Jean Genet e dirigida por José Celso Martinez Corrêa, que também atuou com Raul Cortez e Marcelo Drummond. A peça foi encenada no Centro Cultural São Paulo, em 1991.
- 4 *Rei Lear*, de Shakespeare. Direção de Ron Daniels, 2000.